



Espaço Infiltrada, curitiba

*relato de experiências e atividades
2013 a 2014*

Introdução	1
A Casa da Rua Portugal	3
Princípios?	5
Espaço aberto, espaço fechado	12
O que rolava?	21
A dissolução	32

- == 0 == -

Introdução

A descrição da página do grupo na rede social *we.riseup.net* dizia:

Espaço físico autônomo criado com a proposta de convergir diversos grupos, pessoas e discursos. A INFILTRADA possui uma pequena área de moradia, porém a maior parte é para apropriação de quem(s) quiser propor algum projeto de ocupação.

biblioteca, zineteca, hackerspaço, horta, composteira, captação de água da chuva, equipamentos de circo, cozinha aberta, máquinas de costura, ferramentas para mecânica e marcenaria, material para serigrafia, estêncil.

*blog: infiltrada.milharal.org
endereço e telefone*

Daria para dizer que o espaço Infiltrada era um centro cultural, assim como uma casa de pessoas amigas, ou um pouso para quem estava de passagem. Mas também era onde se preparavam os alfajores e quitutes da cooperativa de comida, ou o lugar onde aconteciam os famosos jantares temáticos veganos. Algumas pessoas vão lembrar de um espaço libertário, feminista e anarquista, outras como sendo a casa daqueles gatinhos fofos, Cebolinha e Alicate.

Logo se vê a dificuldade em achar uma definição para um acontecimento social, algo sempre vivo, mutável e complexo. O texto que se segue é uma tentativa de descrever um pouco do que aconteceu naquela casa da rua Martim Afonso, número 432, lá por 2013 em Curitiba. Quem estiver procurando por anedotas não vai

encontrá-las aqui. Minha intenção é mais discutir os processos políticos envolvidos na sua curta história e registrá-los para talvez serem replicados.



Cartaz de inauguração da Infiltrada, 20/04/2013

- == 1 == -

A Casa da Rua Portugal

Em setembro do ano anterior, saiu uma carta denunciando uma agressão no nosso círculo libertário. Junto com outros eventos envolvendo a mesma pessoa perpetradora, felizmente os grupos e espaços se despedaçaram, pois muito já se havia aguentado em nome do “bom funcionamento” das coisas.

Várias pessoas se viram, então, sem um espaço adequado para realizar as atividades que vinham tocando, seja reuniões, gigs, grupos de estudo, ou mesmo conversas informais e outras trocas, como distribuir comida de recycle. Um ou dois meses depois, parte dessa galera se juntou num espaço público e começou a discutir a criação de um novo lugar, um outro ponto de convergência e articulação, fora da casa de um agressor, mas mais que isso longe dos seus olhares sagazes, ouvidos atentos e conversas manipuladoras.

Nesse momento, havia umas vinte pessoas envolvidas. Alguns interesses principais se destacaram com relação a como as coisas deveriam acontecer no que foi chamado provisoriamente de “outro lugar”. Um precisavam de um lugar para ensaiar e tocar com suas bandas, outras um teto tranquilo e garantido para reuniões de coletivos, outras ainda gostariam de uma moradia barata ou gratuita.

Desse último ponto surgiu bastante polêmica, já que os espaços de moradia costumam dar às pessoas que moram neles, quer queira quer não, muito mais poder do que àquelas que aparecem de vez em quando. Assim, primeiramente foi tirado que buscaríamos uma casa para okupar e que nela não moraria ninguém.

No início de dezembro de 2012 já havíamos mapeado quinze

casas desocupadas. Elas foram fotografadas por fora, algumas invadidas e as mais interessantes sofreram rondas semanais para coleta de informações e termos a certeza de que estavam também abandonadas.

Um dos requisitos tirados em reunião, após longo debate, foi em que região deveríamos procurar essas casas. A maioria das pessoas envolvidas, para não dizer todas, tinham alguns dos seus afazeres diários importantes no centro de Curitiba. Em outras palavras, poucas não estudavam no prédio da reitoria da UFPR. Outro ponto era sobre a “colonização”. Cair de paraquedas num bairro de periferia sem nenhum vínculo com a vizinhança e montar um centro cultural seria muito parecido a montar uma igreja. Ninguém tinha essa intenção e aquelas que assim desejassem obviamente não seriam impedidas de fazer por conta própria.



Planta baixa da Casa da Rua Portugal, sem o jardim e o subsolo

Eis que na primeira semana de dezembro foi decidido um plano de vigia para o verão e previsão de entrada para início de fevereiro. A

essa altura, restava um pouco mais de meia dúzia de pessoas engajadas no projeto. Durante esses dois meses, aconteceram ainda mais algumas reuniões em que continuamos a planejar o espaço que estava por vir.

- == 2 == -

Princípios?

Assim, falou-se de uma carta de princípios *do* espaço. Mesmo que várias pessoas se conhecessem e fossem bem afins, não havia um coletivo propriamente declarado. Houve momentos em que se percebeu a necessidade de nos colocarmos como um corpo identificável (como numa carta de apresentação à vizinhança), mas ninguém desejava criá-lo de fato. A solução que saiu foi projetar no espaço o que desejávamos, carregando-o, independente de quem estivesse lá, com os princípios que gostaríamos. Enfim, isso é uma coisa que comumente se vê, só que, neste caso, sem um coletivo específico para exigir que cada ponto seja cumprido.

Naquele momento, o enfoque foi genericamente anarquista, como se pode ver pela cópia da relatoria que se segue e foi colocado um marcador indicando a urgência do tópico.

- *Organização do espaço em torno de relações horizontais*
- *Princípio ético do anti-especismo e da libertação da terra*
- *Acordo comum de não-uso de drogas lícitas ou ilícitas*
- *Necessária rotatividade das funções adotadas por cada umx de forma a não constituir nichos de especialidades e favorecendo a criação de um espaço de troca e aprendizado coletivo*
- *Instância de decisão nas assembleias que ocorreriam semanalmente ou quando houvesse urgência*
- *Acordo comum entre xs participantes de que a quantidade de trabalho exercido e a disposição não se converterá em privilégios*

- *Existência de canais de comunicação direta, para construir agendas de atividades e repasse de informes*



Gostaria de fazer alguns comentários sobre esses “princípios” ou acordos. O não uso de quaisquer drogas estava ligado à questão da okupação, ou seja, não dar motivo gratuito à vizinhança ou à polícia vir bater à nossa porta nos ameaçando. A rotatividade das funções assim como as assembleias e a comunicação direta são as soluções clássicas para a suposta falta de estrutura. Já que estruturas sempre acabam se formando, o que importa é garantir formalmente que o poder não se cristalize nas suas funções e que ela se dissolva quando não tiver mais função.

Uma proposta bem esquisita para todo mundo (outras aparecerão mais pra frente) foi aquela de buscar desfazer a valorização de quem trabalha mais por ter mais disponibilidade. Pensamos que se alguém tivesse mais tempo ou energia (e isso sempre acontece), tal fato não poderia, de jeito nenhum, ser convertido em algum tipo de privilégio.

A primeira vez que essa proposta apareceu para mim foi quando okupamos um terreno no centro da cidade. Era um lote pequeno

onde uma casa havia sido demolida e o mato tomava conta de tudo há vários anos. Invadimos, carpimos, plantamos, vimos as sementes brotarem, e um dia o dono apareceu com uma escavadeira, aplainou e jogou brita por tudo. Mas antes dessa desgraça, a discussão sobre a clássica relação horas de trabalho-valor havia sido colocada em questão justamente porque as pessoas não são iguais, ou seja, não têm as mesmas capacidades, habilidades, tempo disponível, energia. Decidimos assim (eram praticamente as mesmas pessoas que desejavam okupar a casa) que o fruto do terreno não seria distribuído individualmente, segundo o esforço de cada uma, mas que faríamos a cada vez uma festa ou encontro para compartilhar seja lá o que houvesse sido colhido. Ao pensar em termos de comunidade, muda-se o foco da análise do econômico para o político, do esforço físico (material) para a diluição do privilégio. Quem possui mais tempo, por exemplo, para trabalhar (e quer trabalhar) estará ajudando todo mundo.



1a Feira do Material Independente de Curitiba

Junto com a carta de princípios, pensamos em bolar uma carta para a vizinhança apresentando nossas ideias e propostas sobre o uso da casa. O intuito era meio que formalizar a nossa presença e dar algo para as pessoas pensarem em casa. A carta foi escrita mas nunca encontramos um bom momento para entregá-la.

Também montamos uma lista com as atividades que gostaríamos de ver acontecer no espaço. Segue o que começamos a delinear em outubro de 2012:

- *Oficina de bicicleta comunitária*
- *Espaço livre de consciência corporal (dança, circo, etc.)*
- *Cineclube*
- *Grupos de estudos de temas que circundem os princípios da casa*
- *Gigs com bandas que possuam posturas libertárias*
- *Espaço para ensaios e práticas de bandas/coletivos*
- *Laboratório de computação (consertos, instalação de software livre, etc.)*
- *Ensino de línguas e conversação*
- *Cozinha livre e eventos culinários*
- *Sala de Serigrafia*
- *Sala de costura*
- *Gráfica e editora de livros/zines*
- *Horta*
- *Laboratório de bioconstrução*
- *Composteira*
- *Espaço para circulação de materiais impressos (vulgo biblioteca :)*
- *Sarau*
- *Restauração de móveis encontrados na rua / Reciclagem de materiais*
- *“Ateliê” de desenho, pintura, etc (pode compor com a sala de serigrafia)*

Durante o período de rondas e inspeção das casas desocupadas, fomos atrás de informações sobre como okupar. Várias questões

iam aparecendo e precisávamos de ajuda: como fazer gato de luz, gato de água, vale a pena fazer isso, como refazer a fiação elétrica, trocar telhado, arrumar o chão, etc. Parecia que toda vez cada grupo tinha que reinventar a roda, pois quase não encontramos informações. Sim, de fato esse é um processo de aprendizado *das* pessoas envolvidas, mas não precisamos sair do zero. Um material interessante é o *Hazlo Tu Mismx, recupera tu vida* (disponível no we.riseup.net).

A escassez de informações que respondessem às nossas perguntas foi vista como uma oportunidade de nos aproximarmos de pessoas e coletivos de outros lugares, montando previamente uma rede de apoio e divulgação (ou inserindo-se em uma que já existisse). A criação de uma rede assim é um velho sonho anarquista e por mais que as pessoas se esforcem parece que nunca se realiza. No final, nossas amizades acabam fazendo esse papel, o que de certa forma é mais saudável mas também limitante.



Fogão roquete construído apenas com latas de tinta

Várias páginas já foram escritas e ainda nem se falou da Infiltrada. Para muita gente, a razão pode ser óbvia, mas não custa repetir. O

processo de surgimento de um espaço coletivo é algo que pode requerer um bom tempo de planejamento para melhor afinar as vontades e os acordos entre as pessoas envolvidas. Nada impede que os espaços apareçam também de maneira rápida e espontânea, mas *parece* mais tranquilo, produtivo e resistente quanto mais discussões rolarem previamente. Tenho a intuição de que é como a tomada de decisão por consenso: costuma ser mais longo que uma votação majoritária, mas as pessoas tendem a aprender muito sobre como estar em grupo, a se respeitar e se conhecer melhor. As concessões podem ser bem ponderadas e não deveria ficar espaço para nenhum tipo de dívida.

Antes do que havíamos previsto, nos primeiros dias de janeiro de 2013, a “casa da Rua Portugal” foi finalmente invadida, limpa e okupada. Apesar de não ter muito entulho, a situação era bem precária: o chão de dois cômodos estava parcialmente desabado, o forro havia caído e a armação do telhado esburacava-se sabe-se lá desde quando com a ação dos cupins. Começamos a juntar material pela rua enquanto a galera também ia mangueando outras miudezas. Arranjamos tapumes, vigas, vassouras, enxada, pá, vidro, arame, cadeiras, um balcãozinho, tudo do lixo.

Numa conversa com um vizinho, descobrimos várias informações sobre o passado da casa e através dos nomes que vinham nas correspondências ficamos sabendo que a casa estava no fim de um processo de espólio (divisão de herança) e que no início de fevereiro muito provavelmente voltaria a ser usada. Essa perspectiva nos desanimou bastante, e dias depois já havíamos montado uma lista de outras casas, só que dessa vez para alugar.

Dentre tudo que já havia sido discutido, pagar um aluguel trazia um problema e uma vantagem, principalmente. Primeiro, com respeito ao pagamento em si. Todas as pessoas envolvidas já estavam pagando aluguel para morar em outro lugar, assim que ter que desembolsar mais uma quantia de dinheiro exigiria ter que trabalhar mais. A vantagem, por outro lado, era que a duração do projeto se beneficiaria da nossa entrada no jogo imobiliário.

Com essa mudança muito pouco premeditada de enfoque, a casa viraria também moradia e a discussão se voltou então para novos acordos com respeito a convivência e espaços privados. O que faríamos na casa continuava quase igual, porém agora não precisaríamos mais nos preocupar tanto em parecer pessoas de bem. A restrição às drogas mudou para o seguinte: em eventos abertos, não entra nada; nos outros dias, o acordo é feito com quem está presente; e fumaça sempre fora de casa. Não precisávamos mais da carta de apresentações (a casa que pegamos só tinha um vizinho), e com ela também se foi a necessidade de identidade de grupo.

É interessante notar que a carta de princípios, tão urgente lá no começo das discussões, foi aos poucos sendo esquecida. Várias vezes se falou de montar um pequeno zine explicando às pessoas novas o que era o espaço. Isso também nunca se concretizou. O mais próximo de uma lista explicativa de princípios a serem respeitados foi um pequeno cartaz colado ao lado da entrada, muito simples e feito à mão, onde dizia algo assim: “A infiltrada é um espaço feminista, anarquista, vegano, livre de drogas, ... (mais alguma coisa). Bem-vindx.” Ao final, ainda havia a frase “faça você mesmxx” seguida de um adendo a lápis: “junto”, para lembrar do senso comunitário ausente na clássica expressão do DIY.

Outra preocupação, tanto no contexto da okupa quanto da casa alugada, era sobre a fachada que dava pra rua. O impulso de “espalhar a mensagem” foi logo substituído pela prática do anonimato com relação à vizinhança. Como estávamos perto do centro e Curitiba tem um perfil reacionário, salpicada de neonazistas, concordamos em colorir a fachada mas sem nenhuma simbologia política.



- == 3 == -

Espaço aberto, espaço fechado

A principal mudança, então, foi a questão da moradia. O que antes estava reservado apenas para visitas e viajantes, agora se tornaria algo cotidiano. Num primeiro momento, cinco pessoas se dispuseram a morar na casa. A partir daí, a conversa girou em torno do que aconteceria na área fechada para moradia, assim como na relação entre esse pequeno espaço e o resto da casa, que seria aberto a todo mundo.

Para minimizar a desigualdade de poder sobre o espaço entre quem mora e quem não mora, nossa primeira ação foi liberar o acesso à casa para os grupos ou pessoas que dissessem em reunião que tinham interesse em entrar e sair livremente. No mesmo dia, cada responsável foi fazer uma cópia das chaves.

A casa que alugamos estava disposta da seguinte maneira: havia uma sala grande e um quarto, ambos de frente para a rua, dois quartos médios, um banheiro grande (com chuveiro e banheira, separados), um lavabo, uma cozinha enorme, garagem, quintal e uma edícula de dois cômodos e um banheiro.



Show na sala da Infiltrada

A situação da edícula foi o que deu nome à casa. Em certos dias, tendo chovido ou não, nunca descobrimos como acontecia, o lugar aparecia cheio de água pelo chão. Na época da conversa com a imobiliária, isso já havia sido notado e nos rendeu um bom abatimento no aluguel (assim como os cupins). Ninguém sabia de

onde vinha nem como era causada, mas às vezes a gente entrava lá e a infiltração tinha ensopado tudo. Na nossa primeira semana, fizemos um mutirão de limpeza na casa toda, lavando com chá de alecrim e arruda e defumando-a com incenso. À medida que a gente foi usando a casa, as infiltrações na edícula foram diminuindo de frequência (sabe-se lá por quê!), mas apareceu uma outra no quarto dormitório. No inverno de 2013, teve uma tempestade que fez brotar uma cachoeira na biblioteca. Ou seja, um nome mais que adequado.

Assim, não dava para usar a edícula para nada muito sério ou saudável. Logo foi transformada num depósito, mesmo sabendo dos riscos de perdas envolvidos.

O que restava da casa então eram três quartos. Decidimos montar a biblioteca e os computadores no maior. Nos outros dois, fizemos o quarto dormitório e o quarto guarda-roupas. O acordo do primeiro era de que dormitório era pra dormir. Simples. Essa era a preferência acima de qualquer outra atividade que se quisesse fazer lá, fosse sexo, leitura ou mesmo ficar sozinha. Se alguém ia dormir, avisava a galera: “vou deitar”. Aí todo mundo ia lá e deixava sua cama, cobertor e travesseiro prontos para depois só entrar e fechar o olho. Caso alguém estivesse fora nesse primeiro aviso, alguém montava a cama dela. Conseguimos dois beliches, que nos foram doados, e um colchão ficava no chão. Era só o que cabia!

O quarto guarda-roupa funcionava da seguinte forma: com dois armários em paredes opostas, cada pessoa tinha o seu espaço. A ordem ou a bagunça era por conta de cada uma. Havia também uma folha para anotar alguma peça de roupa que fosse emprestada por alguém de fora. Para as pessoas moradoras, geralmente se fazia o empréstimo cara a cara, mas de qualquer forma estava explícito que o guarda-roupas era livre.

Durante as discussões prévias, decidimos experimentar reduzir ao mínimo os espaços pessoais exclusivos. Várias vezes ouvi

comentários fora da Infiltrada que diziam “ah, eu não conseguiria, isso é negligenciar a individualidade, e se alguém quiser ficar sozinho?” A resposta mais simples era: “as pessoas acordaram isso livremente!”. Mas fiquei pensando. Quando essas conversas apareciam junto com um pânico pela falta de “privacidade” talvez essa reação decorresse de vivências relacionadas ao contexto da Família, onde ou as crianças possuem o seu quarto como único local de liberdade (mas não muita), ou são obrigadas a viver amontoadas em duplas ou com todo mundo. Na hierarquia familiar em geral, as crianças costumam não se reconhecer em espaço algum: é sempre um adulto quem decide sobre ele. A falta dessa migalha de poder acaba se manifestando através desse espanto que mencionei. O uso e a divisão do espaço na infância se dá de maneira vertical e tradicional dentro da família. Apesar de viverem juntas, as pessoas de uma família raramente possuem um senso de comunidade e menos ainda um com características libertárias. O sonho do espaço pessoal geralmente está associado à vida adulta (e ser adulto vira sinônimo de ter obrigatoriamente o seu espaço privado). Uma questão que sempre me pergunto é “por que buscamos a liberdade através da exclusividade?” É uma visão parecida com a da pessoa rica que se tranca para se sentir mais livre. Soa estranho, não?

E com respeito a um espaço de solidão momentânea (coisa que acho muito importante), a casa possuía diversos lugares desertos ao longo do dia para ficar. Por que deveria havia um espaço só para mim, só com as minhas coisas, onde somente eu tivesse as chaves e onde as pessoas não quisessem estar devido ao constrangimento da propriedade e também por possuírem o seu próprio?

Pensei numa possível resposta que tem a ver com controle e afeto. Parece legal termos um pouco de controle sobre as coisas e espaços que gostamos e cuidamos. Como tradição não precisa de justificativa e o nosso contexto é individualista, talvez fosse interessante nos perguntarmos quais coisas e que espaços *merecem* esse controle. É a cama onde durmo? São os livros que li

ou quero ler? Certas plantas? Alguém? O arranjo dos potes de tempero? O que afinal? Ao invés de passarmos essas coisas em revista, reproduzimos a tradicional necessidade de um quarto exclusivo e lá jogamos tudo o que nos parece importante. Quem sabe experimentar o contrário um pouquinho não faça tanto mal quanto parece à primeira vista.



Primeira aparição da cooperativa YoRango, abril/2013

Como o tempo já passou, posso colocar aqui, bem por cima, a situação das pessoas após a dissolução da Infiltrada com respeito a esses tipos de espaços. Primeiro, até onde sei ninguém nunca reclamou seja formal ou informalmente sobre o acontecimento do quarto e guarda-roupa coletivos. Tendo em vista que várias outras coisas tiveram que ser lembradas ou eventos tiveram que ser repensados durante a Infiltrada, a impressão é que a ideia desses quartos foi a que mais deu certo (naquele contexto). Segundo, a maior parte das pessoas, enquanto escrevo este relato, moram hoje em quartos exclusivos ou sozinhas. A única conclusão que consigo chegar é que não existe relação direta entre uma experiência bem realizada e sua continuidade :) Ou a gente muda.

Aqueles, então, eram os dois únicos cômodos fechados. Para chegar neles, era preciso entrar por um corredor só para isso, o que isolava-os do resto da casa. Assim, cozinha, quintal, sala, biblioteca e edícula ficavam livres para quaisquer pessoas e atividades. Como espaços abertos, estes últimos precisavam ser tratados como de uso coletivo, ou seja, uma ordem mínima e preestabelecida deveria estar sempre presente. Obviamente, a cozinha e a sala, por serem os mais usados, constantemente apareciam nas reuniões mensais como merecedores de “um pouco mais de atenção”.

Sabendo que cada pessoa tem uma percepção do que é “sujo” e também do que é “limpo”, tentamos fazer o clássico quadro de limpeza. A primeira versão foi também num formato logicamente anarquista: cada pessoa apontava-se voluntariamente para limpar o que ainda estava sujo. Decidimos que uma vez por semana (de preferência com uma semana de distância entre cada limpeza, mas não necessariamente) era suficiente e as tarefas coletivas de asseio seriam apenas três: limpar a cozinha, os banheiros e os quartos-sala-biblioteca.

Antes de terminar o primeiro mês, o esquema já desandava. Ninguém havia posto seu nome para o período-semana seguinte. Retiramos o quadro da parede e resolvemos experimentar espontaneamente, com algumas pessoas limpando por necessidade própria e outras sendo convidadas a ajudar. Vários recados, bonitos, chamativos e singelos, foram espalhados pela casa mostrando o que *qualquer* pessoa poderia fazer: varrer, organizar a sala, tirar o mato do quintal, limpar cocô das gatas, etc.

Tanto os recados quanto a espontaneidade surtiram pouco efeito (um pouco, sim) com relação ao que tinha sido acordado. Tentamos rever, então, os acordos – vai que não era pra ser bem assim. Tendo passado o tempo, as pessoas também foram se adaptando à vida coletiva: quem se preocupava acabava relaxando um pouco; quem não se importava, era chamada à atenção. Os acordos pareciam bons, mas a percepção do que era viver junto é

que não fechava tão bem (e em alguma hora vai fechar?), principalmente por parte das pessoas que sempre viveram sozinhas ou que sempre tiveram alguém para cuidar do seu espaço. Foi preciso paciência, pois tensionar o tempo todo não ajudava muito nesse aprendizado.

Finalmente, sei lá quando, a questão da limpeza foi incorporada no quadro de tarefas (um outro quadro!) da seguinte forma: cada “cômodo” estaria numa linha, e cada pessoa que limpasse ele colocaria seu nome e a data. Quando outra pessoa passasse pelo quadro, poderia avaliar o tempo desde a última limpeza e a quantidade de trabalho que os outros já haviam executado. Era um tipo de sanção indireta que dizia: “A galera tem ajudado e tu não. Acorda!”. Não dá para saber o quão bem esse jeito funcionou pois à medida que o tempo foi passando a casa ficava mais tranquila, menos gente vinha do nada e parecia que as moradoras estavam mais afinadas. Tenho percebido em outros espaços que esse tipo de quadro desaparece mesmo com o tempo (ou sua importância se reduz muito).

O quadro de tarefas por outro lado foi um instrumento permanente de “conversa” e organização da casa. Todos os dias fazíamos recycle de comida numa quitanda do centro. Dez minutos antes de fechar a loja, o dono colocava pra fora tudo o que havia sobrado de frutas, verduras e legumes no dia. Geralmente dava umas duas ou três caixas de feira daquelas de plástico. Ou seja, era muita comida. Separávamos um tanto para nós da casa, outras pessoas que ajudavam no recycle também levavam algo para si, e o grosso a gente distribuía para xs catadorxs de papelão que também estavam no centro àquela hora.

Diversas pessoas acompanharam esses recycles, com maior ou menor assiduidade, e era o tipo de propaganda pela ação que promovia o veganismo, o freeganismo e a solidariedade. Não que às vezes não fosse um saco, afinal todo dia cansa, mas as pessoas acabavam se aproximando, conhecendo um pouquinho da realidade dxs catadorxs, vendo o que significa o desperdício da

hiperprodução capitalista e ainda reduzíamos nosso gasto com comida.



Quintal e horta no início de 2014

Assim, a organização do recicle, para quem morava, era feita pelo quadro de tarefas. Havia os dias da semana e pelo menos duas pessoas tinham que se apontar escrevendo o nome ao lado. O preenchimento dessa tabela era feito no início de cada semana, dando tempo para que cada uma se programasse de acordo com seus afazeres pessoais e coletivos. Aqui também rolava uma sansão indireta: se alguém não tivesse o nome na tabela, esperava-se que essa pessoa pelo menos dissesse alguma coisa para as outras. Obviamente não havia obrigação, mas como se tratava da comida que todo mundo comia, nada mais lógico que a ajuda fosse geral também.

Coisas que estivessem no fim ou encaminhamentos de reuniões também eram escritos ali. Acabou o feijão, o grão de bico tá no fim, pegar papel higiênico no shopping, precisamos cortar lenha para o fogão roquete, ligar para a companhia de luz, alguém viu

um pendrive vermelho?, custou tanto para castrar a gata – ajudem na vaquinha, e assim ia.

Particularmente, eu achava o quadro de tarefas muito útil. Era um local de manifestação pública. Qualquer coisa que se achasse necessário dizer para todo mundo, incluindo pra quem só estava de passagem na casa, a gente colocava ali. E se não me engano, era sempre de forma anônima. Afinal, que diferença faz saber quem pede pra repor o feijão ou avisa que precisa limpar a caixa do gato? Ou mesmo para mostrar uma insatisfação com as bitucas de cigarro jogadas no quintal? Se alguém escrevia algo, era preciso dar atenção. Inclusive às piadas e aos desenhos bizarros que rolavam também!

É interessante notar que quase tudo que fizemos foi acordado nos primeiros dias da casa ou antes de alugá-la. Não lembro de termos desfeito um acordo. Aquilo que não foi levado em consideração, aos poucos ia caindo no esquecimento, como a carta de princípios. A carta de princípios é ponto pacífico em coletivos anarquistas. A existência dela é vista praticamente como o atestado de existência do grupo. Por alguma razão desconhecida essa carta nunca foi escrita.

Um outro exemplo são os cadernos de impressões. Logo após a primeira reunião na Infiltrada, confeccionamos nós mesmas dois cadernos. Um era para a casa, onde entrariam agradecimentos, impressões, emoções, ou seja, um registro de boas, más e outras vivências. O outro era para a nossa horta. O caderno da horta tinha uma função muito mais pragmática e conteria informações sobre datas de plantios, sugestões, experimentos, avisos sobre épocas de colheita, e até um mapa de “uso do solo” do quintal.

Com o passar dos meses, menos e menos recados preenchiam os cadernos. Acho difícil que tenham alcançado mais que vinte páginas. E para ter uma ideia conclusiva, não tenho a menor ideia de onde eles foram parar.

Quem acha que essas ações têm importância pode ficar meio escandalizada com essa parte do relato. Mas é talvez porque essa pessoa não estava lá presente. Quem conviveu e construiu a Infiltrada não precisou explicitamente dizer “não”. Vivenciamos o desapego a essas ideias-chave da cultura libertária de maneira bem espontânea, sem dó nem ressentimentos. É bem possível que em projetos maiores, mais duradouros e/ou mais arriscados elas realmente tenham a força da necessidade, mas dessa vez não.

- == 4 == -

O que rolava?

No primeiro dia de entrada na casa, começamos pensar o que fazer com o quintal. Nunca chegamos a medir a área disponível, mas era algo como três espaços de 2m por 4m. Um deles, na face leste, resolvemos deixar intacto, apenas aparando a grama de vez em quando. O do centro seria para plantio “extensivo”, milho, feijão, grão de bico, etc, e espiral de ervas. E o da face oeste ficaria para a composteira, hortaliças e raízes.

Havia um grupo que por gostar de plantar começou a se reunir para trocar informações, aprender e botar a mão na massa. Fizemos o reconhecimento das plantas que já estavam lá chamando-as de “anfitriãs” (Azaleia, Alecrim, Unha de Gato, Espada de São Jorge e Lágrima de Cristo), “espontâneas” (Samambaia, Quebra-Pedra, Buva, Tiririca, Língua de Carneiro) e 'infiltradas' (boldo de jardim). Mesmo antes de fazer o planejamento de plantio, oito estaquinhas de boldo já estavam fincadas. A ideia era usar suas folhas grossinhas e fofinhas para se limpar no banheiro. Em dois meses já tínhamos autonomia de papel higiênico. Em um ano, devido à falta de manejo, o tronco dos boldos estavam da grossura de um cabo de enxada, alcançando mais de 3 metros de altura. Quando passei lá para limpar o quintal para devolver a casa, tinha virado uma floresta!

E aproveitando que uma das paredes da casa dava para o norte, montamos uma horta vertical com garrafas pet, onde plantamos rúcula, alface, salsinha, cebolinha.

A espiral de ervas demorou meses para ser construída devido à falta de terra. Conseguimos tijolos numa casa que estava sendo reformada na rua de trás e parte da terra veio de uma casa abandonada, sendo que a outra parte pensamos que poderia vir da nossa composteira. Aconteceu que no meio da construção desistimos da ideia, tanto pela dificuldade de conseguir o material (e transportá-lo nas bicis), quanto pelo desinteresse das pessoas.

A espiral foi desmontada e acabamos plantando umas coisas só para experimentar: grão de bico, feijão carioca, amendoim, gengibre, uma araucária. Ao redor havia um pé de manjeriço, que ficou enorme quando chegou a primavera, e também hortelã e orégano.

Plantamos ainda duas fileiras de repolho (que não vingaram) e umas raízes que um pessoal do sul nos trouxe de presente: batata yakon e inhame. A primeira foi replicada e foi parar em seguida em vários quintais de gentes amigas.

O inverno de Curitiba é brabo, mas mesmo assim os brócolis vingaram e os pés de alface que sobreviveram (em 2013 nevou!!) viraram pinheirinhos de um metro de altura.



ARRARIOT

ARRAIAL VEGANO FEMINISTA

DIA 20/JUL -
SÁBADO - 16H
NA INFILTRADA
(RUA MARTIM
AFONSO, 43E
TEL: 31210257)

COM COMIDA E
BEBIDA VEGAN
(LOBAXS E
YORANGO)
BAZAR FEMIN
CACARECOS

BANCA FAÇA VOCÊ
MESM - LOBAXS
CORREIO
ELEGANTE

ENTRADA GRATUITA - VENHA CARACTERIZADA
NÃO TRAGA BEBIDA ALCOÓLICA

Na primavera, as sementes que estavam na composteira começaram a brotar loucamente. Nasceram uns pés de maracujá, de pepino, muitos tomateiros e vários tipos de abóbora. Estas não cresceram muito, mas a quantidade que deu foi suficiente para sempre podermos presentear alguém.

Onde a gente havia jogado o composto (não tão decomposto assim) nasceu aquilo que comíamos. É muito interessante ver esse ciclo acontecendo, mesmo com poucas plantas, ainda mais no centro de uma cidade grande.

A última coisa que vi crescer foi um mamoeiro. Várias sementes foram plantadas no final do inverno e em algumas semanas já estavam brotando. O pezinho mais viçoso foi sendo escolhido à medida que se observava o crescimento da galera. Quando entregamos a casa, o pé de mamão quase alcançava um metro de altura.

O projeto da composteira era o seguinte: jogar nosso resto de vegetais numa pilha e cobrir com folha seca, ou seja, uma leira. Houve várias “crises da composteira” devido ou à falta de material seco em proporção ao material úmido ou à umidade por causa da chuva. Quando vinha muita coisa no recycle ou fazíamos comida para muita gente, a composteira era sobrecarregada. Com respeito à palha para evitar que o composto ficasse muito molhado e exposto, descobrimos que numa praça perto da casa o pessoal da prefeitura varria as folhas e colocava em sacos de lixo separados. Passamos a recolher esses sacos para alimentar a composteira e também para não precisar comprar novos sacos para o lixo reciclável.

Mais pro final da Infiltrada começamos a usar caixas plásticas de feira para fazer novas composteiras e ter um controle maior da decomposição. Ficou mais fácil de lidar com os compostos, eles ficavam mais arejados, era mais simples de protegê-los da chuva e dava para mover de um lado para o outro ou empilhar. Infelizmente não passou tempo suficiente para vermos se com as caixas era realmente melhor ou não.

Do quintal, acho que foi isso. Para a edícula, tínhamos alguns planos. Primeiro foi a ideia de fazer uma boa reforma e montar um estúdio. Um grupo de interesse se juntou e passou a discutir o assunto, levantar orçamento, juntar material de som, etc. Uns dois

projetos incipientes de bandas chegaram a ensaiar num dos quartinhos. O som vazava muito e dentro o calor era insuportável. Até onde sei a ideia do estúdio morreu por causa das infiltrações misteriosas que assombravam a edícula, o que tornava muito arriscado gastar tempo e dinheiro na reforma necessária.

Outra ideia, que também surgiu no começo, foi a montagem de uma oficina de serigrafia. Recebemos a doação de vários materiais para montá-la, tintas, rolos, telas, armações, e até tinha gente empolgada nisso. Mas nunca foi pra frente. Nem sequer uma camiseta foi telada.



Biblioteca, fev/2014

Por um bom tempo, a edícula foi sede das reuniões de um coletivo feminista intimista e a banquinha delas também era guardada ali. Outros usos foram: uma mina chegou a alugar o espaço, a preço simbólico, por dois ou três meses como consultório de psicologia feminista, um grupo de RPG jogou meia dúzia de partidas, e acho que já teve gente que dormiu lá também.

Mas o uso “social” mais comum da edícula parece ter sido o da reclusão. A galera gostava de ficar lá de boa, brincando, conversando, pelada, em grupo ou sozinha, tirando uma soneca, escrevendo, jogando computador, etc. Digo social porque o uso não social era o de depósito. Ao final da Infiltrada, havia tanta tralha lá atrás que era difícil de mover pelo espaço: caixas de som, bateria, roupas de bazar, ferramentas, madeira, restos de camas, colchão, e todo tipo de bagulho “interessante” e “útil” que ia sendo encontrado na rua.

Quando entrei pela primeira vez na edícula, o que me veio na cabeça foi que ali deveria ter sido uma lavanderia. Coisa de casa grande, novo rico, essas bobagens. Imaginei isso porque havia dois tanques enormes num dos cantos. Logo que entramos, esses tanques, assim como a banheira, viraram nossos reservatórios de água da chuva. Desencaixamos os canos da calha que levavam água da chuva para o esgoto e passamos a coletá-la em baldes e depois transferi-la para esses “reservatórios”. Numa boa chuva de fim de tarde conseguíamos encher os dois tanques tranquilamente.

Essa água era usada então para dar a descarga no banheiro, lavar roupa, regar as plantas e quando estava quente tomar banho de caneca no quintal. Teve uma ideia muito legal que rolou uma vez e que foi a seguinte: esquentar a água da chuva no fogão roquete (com lenha encontrada na rua) e uma pessoa dar banho na outra de noite. Eita hipponagem gostosa!

Concordamos em não ter máquina de lavar. Assim, cada uma lavava sua roupa com água da chuva e sabão de coco. Acho que a galera não gostava muito de lavar na mão, mas mesmo assim resolveram tentar por um tempo (quando saímos da Infiltrada todo mundo já estava com sua maravilhosa máquina de volta e o seu sabão em pó branqueador perfumado).

O quintal também era onde rolava a oficina mensal de astronomia. Ninguém tinha muito conhecimento na área então nada melhor que dar uma oficina para descobrir as coisas. Conseguimos um

mini-projetor, instalamos o *Stellarium* (software livre para simular constelações) e colocamos um colchão na grama. No inverno, quando escurecia cedo, juntávamos uma galera antes do recycle e observávamos como estava o céu. Numa cidade grande como Curitiba, iluminada e frequentemente nublada, pode ser difícil praticar a observação astronômica. Porém, aconteceu e foi bem interessante. As principais estrelas estavam sempre lá e com ajuda do programa dava para reconhecer quase tudo.

Assim, aprendemos um pouco sobre o formato das constelações, os nomes das estrelas, a identificar o polo sul celeste, a eclíptica, entender a relação entre as estações do ano e a posição das estrelas, e se divertir.

Após uma primeira observada no céu, a gente fazia o recycle. Com a comida trazida, preparávamos uma janta para todo mundo e em seguida voltávamos ao quintal para ver o que tinha acontecido, como as estrelas tinham caminhado.

Tendo passado pela edícula e pelo quintal, entramos agora na cozinha. A cozinha era o lugar mais visitado da casa. Ali havia uma mesa enorme que pegamos da casa que a gente tinha okupado antes. Cabia umas dez pessoas tranquilo e mais quantas outras tivessem cadeira para se achegar. Esse também era o cômodo da cooperativa de comida vegana YoRango. Ela possuía um armário com seus ingredientes e utensílios, seu caixa, e aquela mesa transbordava de alfajores umas duas vezes por semana.

Uma cozinha grande é sempre bom, principalmente nos momentos de jantas abertas. A YoRango promovia jantas temáticas na frequência de uma vez por mês para promover o veganismo e juntar dinheiro para as cooperadas (que acabava revertendo para que cada uma pagasse o aluguel, entre outras coisas).

Quase tudo que havia na cozinha a gente conseguiu de graça: a mesa veio da casa okupada, uma geladeira foi doada, encontramos três fogões na rua, assim como armários, cômodas, cadeiras,

louças e potes. O resto, obviamente, já era de cada um.

Lá pelo primeiro ou segundo mês, construímos um fogão roquete, aquele fogão à lenha portátil feito de lata de tinta, sabe? Junto com recicle de comida, recicle de móveis, brechó, captação de água da chuva e compartilhamento das nossas coisas, espaço e tempo, esse fogãozinho à lenha era mais um elemento que aumentava nossa independência com relação ao mercado e ao Estado.



Infiltrada convida:

Protestos e Segurança na Internet

Debate sobre
uso da
internet por
manifestantes

18/06/2013 - 20:00 hrs

Espaço Infiltrada:
Rua Martim Afonso, 432.

infiltrada.milhara.org

Do interesse na montagem do primeiro roquete, surgiu a ideia de fazer um zine explicando como construí-lo. O legal do nosso projeto era que só usávamos lata para construir o fogão. Com dois galões de tinta e as ferramentas adequadas era só montar, não precisava comprar nada. Rolou uma oficina para a montagem da “segunda boca” do fogão à lenha e logo em seguida saiu um zine.

Junto com a catação de folhas para a composteira, o olhar também começou a prestar atenção na lenha disponível na rua. Tínhamos vários restos de camas e páletes para preparar o almoço. Mas a melhor de todas as madeiras era os tacos de casas velhas. Às vezes encontrávamos uma caçamba de entulho cheia desse toquinhos de madeira dura que queimava vigorosa e lentamente.

Que mais que rolava? Fizemos uma conversa aberta sobre o livro *Cypherpunks* de Julian Assange, colocando em foco a questão da vigilância e da estrutura da internet em relação aos Estados. (A editora do livro entrou em contato conosco, sabe-se lá como, e perguntou se não gostaríamos que ela enviasse um representante de vendas para o nosso evento!) O hackerspaço também puxou uma conversa sobre protestos e comunicação segura em junho de 2013, um *installfest* de distribuições linux, uma oficina básica de programação em python e uma oficina de recarga de toner para impressoras a *laser*.

A YoRango organizou uma série de jantares veganos abertos começando com comida árabe e passando em seguida pelo jantar japonês, a feijoada da primavera e o almoço crudívoro. Além disso, a cooperativa preparou salgadinhos para festas, ceia de natal e rango para eventos da casa, como a micro-fest *Ficatrix*, a *Arrariot* (arraial feminista), e shows de hardcore que aconteceram na sala ou quintal.

Ainda teve bate-papo sobre amor livre, manifestações de rua sob uma perspectiva libertária, anti-machismo para homens, violência de gênero, uma jornada de autonomia e autodefesa feminista,

oficina de costura, um debate sobre o livro *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway, um encontro interestadual feminista, um grupo de estudos de libertação animal, a 1a feira do material independente de Curitiba, apresentações de teatro e um torneio de queda de braço sem homens cis.

Para fechar o tópico das atividades que foram realizadas na Infiltrada, teve algumas práticas corporais que perpassavam nossa convivência, com pessoas influenciando e estimulando umas as outras. Nas primeiras semanas, montamos uma oficina de circo na praça ao lado da casa. Levamos malabares de bolinhas e claves, tecido acrobático e corda bamba. Além de skate e comida para piquenique.

Almoço Crudívoro

sábado, 26
de outubro

das 13h às 15h

12 \$

na infiltrada:
rua martin
afonso, 432

ingressos à venda no semente de girassol e empório veg veg

Em algum momento, descobrimos o livro *Convict Conditioning*, que traz um método para desenvolvimento de força física através da calistenia: a pessoa usa o peso do próprio corpo para ficar forte, sem aparelhos, anilhas ou tênis especiais. A série é composta de flexão de braço, agachamento, barra, ponte, abdominal canivete suspenso e plantar bananeira. A ideia é montar uma série semanal, começando no nível básico, e realizar os exercícios de forma lenta e continuada. O livro está disponível gratuitamente na internet.

E lá pelo mês de novembro de 2013, começamos o treino de “autodefesa violenta para corpos em risco”. Tinha como base kung-fu e boxe, além de algumas chaves ou torções que podem ter vindo do jiu-jitsu, do aikidô ou do chin-na. Construímos manoplas de foco para soco usando papelão e EVAs reciclados, um aparador para chute e joelhada com EVA e câmeras de bicicleta, e um saco de pancadas. O treino costumava acontecer na praça ao lado e era composto por corrida, condicionamento físico, equilíbrio, ataque e defesa, fechando com alguma prática meditativa ou qi-gong.



Cebolinha deitada e Alicate ao fundo

- == 5 == -

A dissolução

Diferente do que se costuma ouvir no meio libertário, a dissolução do Espaço Infiltrada não foi movida por rachas, tretas ou mal-entendidos. Isso não quer dizer que não houve momentos de tensão ou discussões calorosas. Significa apenas que as pessoas que se envolveram na construção do espaço, na sua manutenção e, finalmente, na sua dissolução saíram de lá conversando bem e mantendo contato.

Não vem ao caso contar em detalhes o que aconteceu com o pseudo-coletivo que tocava mais organicamente o espaço, mas vale comentar que dali saíram duas casas coletivas, uma mais fechada para moradia, outra também para moradia mas com festas periódicas e enfoque micro-político-bruxólico.

É interessante notar que nunca tivemos problema com dinheiro. Esse diabinho é um dos motivos principais a jogar as pessoas umas contra as outras. Nosso “caixa” era uma lata que ficava em cima da geladeira, à vista e ao alcance de todo mundo, inclusive das pessoas de fora. Tínhamos uma planilha mensal onde eram computados os gastos com luz, aluguel, comida, etc, e as entradas, vindas de contribuições pessoais ou de coletivos que usavam o espaço, venda de comida, do bazar, livros, etc. Por mais que tentássemos controlar rigorosamente as contas, sempre sobrava dinheiro no caixa! É de dar inveja em qualquer empresa capitalista, não? Vai ver, a pouca bagunça que conseguia se infiltrar na contabilidade além de gerar saldos positivos, ainda nos ajudava a lembrar da rebeldia contra a ordem burocrática das contas.

Lembro que a casa no início, tinha bastante energia, muita gente variada circulando, bastante dispersão e participação externa. Aos

poucos, os grupos foram se afinando e também se afastando, os temas se transformando, a velocidade diminuindo. Pessoas que frequentavam a casa mudaram de vida e de cidade. O contexto curitibano também era outro: havíamos passado pelas jornadas de junho em 2013 e a Copa estava chegando, com seu estado de sítio, vigilância e exército nas ruas.

Aquele impulso inicial, que nos levou a nos juntarmos, a discutir, a okupar e depois a alugar, já não estava mais presente. Havia se dissolvido em todas essas práticas e vivência que tivemos durante aquele ano.

O que nos unia, então, no início de 2014? Quais eram as nossas vontades como pessoas afins e também como individualidades? Para onde apontavam as nossas amizades e nossas práticas atuais?

Não costumo ver essas perguntas serem colocadas frequentemente por pessoas que participam de coletivos ou organizações sociais. Pode ser pelo simples fato de ao haver um coletivo, ou seja, uma causa maior institucionalizada, todas as outras causas (ou vontade de atuação) são automaticamente consideradas menores e deixadas em segundo plano. Não quero dizer com isso que não saiam ótimas coisas, espaços ou ideias de coletivos, mas que sua existência promove o esquecimento do simples fato de que as coisas mudam. Ele está lá, entre outras coisas, para dizer que algo dura e *deve* durar.

Tínhamos entrado em acordo, lá no início, que nossa experiência conjunta duraria *no mínimo* um ano. Pelo nono mês, uma pessoa disse que estava buscando um lugar que pagasse menos aluguel pois precisava de grana para tocar um projeto pessoal. Outra já vinha comentando que no espaço coletivo ela não conseguia estudar, se concentrava mal, e que sentia falta de um espaço privado. Outra percebeu que os processos coletivos estavam se estagnando e que não queria voltar para seu mundo fechado. Entre outras sensações e desejos.

E assim as conversas iam rolando lentamente enquanto buscava-se satisfazer as vontades pulsantes naquela época sem deixar ninguém na mão. Como seria possível fazer qualquer coisa, individual ou coletiva, com paixão e sinceridade sem esse bem-estar?

Até que, finalmente, uma semana antes de fazer aniversário, o Espaço Infiltrada desaparece.

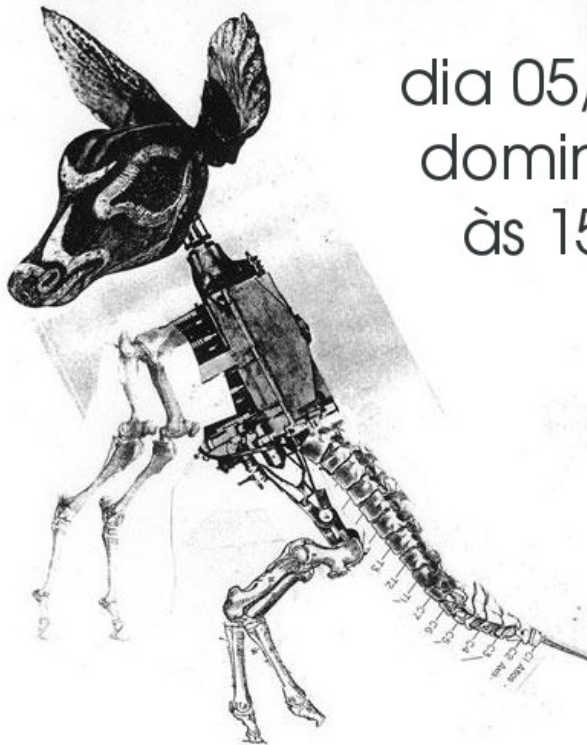
NOTA final: Nunca é demais lembrar: claramente este relato é uma visão bem específica do que aconteceu. Diversos processos certamente terão outras interpretações. Enquanto alguns devem ter ficado de fora aqui, outros provavelmente estão supervalorizados. Muitas transformações aconteceram em nível subjetivo e emocional, assim como convicções e ideais não tinham como sair ilesos de tudo isso. Meu enfoque foi mais no sentido de relatar aquilo que pode talvez ser reproduzido em outros lugares. Quer se queira, quer não, muito do que sou hoje deve-se na verdade àquela **vivência** corpo-a-corpo e isso é impossível de passar num texto. Depois da Infiltrada, a vivência tornou-se para mim o principal acontecimento político de transformação social. Nenhum discurso, exemplo ou relato possui tanto poder de mudança como ela.

Saúde e anarquia!
Chuy, 02 de março de 2014
(revisão 12/10/2015)
(novas imagens 04/11/2015)
(2ª revisão 12/01/2016)

DEBATE:

manifesto ciborgue

Ciência, tecnologia e feminismo-socialista
no final do século XX



dia 05/05,
domingo
às 15h



facebook.com/infiltradaa
infiltrada.mihara.org
org-infiltrada@lists.riseup.net



na Infiltrada
r. Martim Afonso, 432
Mercês

jantar vegano com temática árabe

Xerazade^{e os} 1001 kibes voadores



15/06 • 19h • 12 reais (comida livre)

espaço infiltrada • rua martim afonso, 432

YÔRANGO!



teU Pai JA SaBE?

atAQUE De TUBARAO

Under Bad EYES

**+
bate papo
sobre
violência de
gênero.**

Venda de
rango
vegano e
materiais
independentes.

**Espaço Infiltrada
Martim Afonso, 432.
15 horas.
14 /07/2013
Entrada sugerida: 10\$**

Combatendo o machismo: um bate-papo entre homens

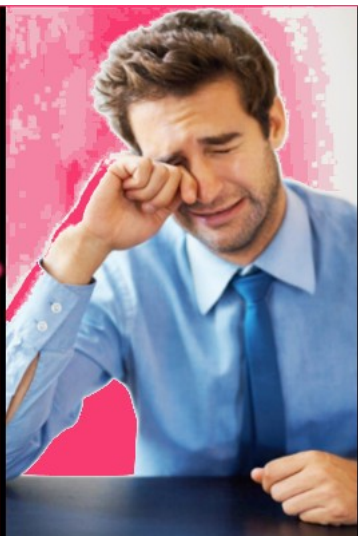
Só para homens
Traga um lanchinho para compartilhar.

Onde:

Espaço Infiltrada - rua Martim Afonso 432, São Francisco, Curitiba

Quando:

dia 24/08, as 14h



O machismo, enquanto sistema de opressão que esmaga pessoas não-homens, não deve ser questionado somente por aqueles que são seu alvo direto. A proposta do bate-papo é ser um momento íntimo de abertura, para falarmos de nossas experiências, expondo as merdas que fazemos. O foco será apontar preconceitos e tentar identificar os privilégios masculinos que mantém o machismo como uma das estruturas da nossa sociedade.

Infiltrada apresenta:

Sessão de Segunda!

Documentário

"Copa 2014: O que as mulheres têm a ver com isso?"
(33min)

Espaço Infiltrada

R. Martim Afonso, 432. Mercês. às 20:15, dia 17/06.



The illustration depicts a woman with dark, curly hair. A red and white sewing machine is balanced on her head. She is wearing a dark-colored dress with a pattern of small, colorful circles. The dress is adorned with several pins: a black pin with a white female symbol, a white pin with a red female symbol, a green pin with the text 'SHE IS COMING AND IS SHE PIS', a red pin with a white female symbol and the text 'WOMEN', a blue pin with the text 'EQUAL WOMEN ARE NOT SPECIAL RIGHTS', and a yellow pin with the text 'DIY'. At the bottom of the illustration, there is a white, stylized graphic element that looks like a hand holding a sewing needle and thread, with a small wheel-like shape next to it. On the right side of the illustration, there is a vertical strip with a pink background and a cartoonish drawing of a woman's face. The text 'i n f i l t r a d a' is written vertically along this strip.

**Oficina re-proveite
guarda-chuva
confeção de bolsas
com tecido
de guarda-chuva**
[se tiver uma máquina
de costura pode trazer]

**31/05 - sex - 15h
rua martin afonso
n. 432 - mercês**

i
n
f
i
l
t
r
a
d
a

CONVERSA ASTRONOMICA



VENHA OLHAR AS ESTRELAS E
CONVERSAR SOBRE ASTRONOMIA

05/ OUTUBRO
19H

INFILTRADA (MARTIM AFONSO, 432)

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

05/10 as 15h

Infiltrada

martim afonso, 432






yoRango e Infiltrada convidam

JANTAR JAPONÊS

27/07 - 18:30h - 12 \$ Livre

Rua Martim Afonso, 432, São Francisco, Curitiba
<https://infiltrada.milharal.org/> tel: 31210257

CHEGUE CEDO PARA COMER BEM



bate papo sobre

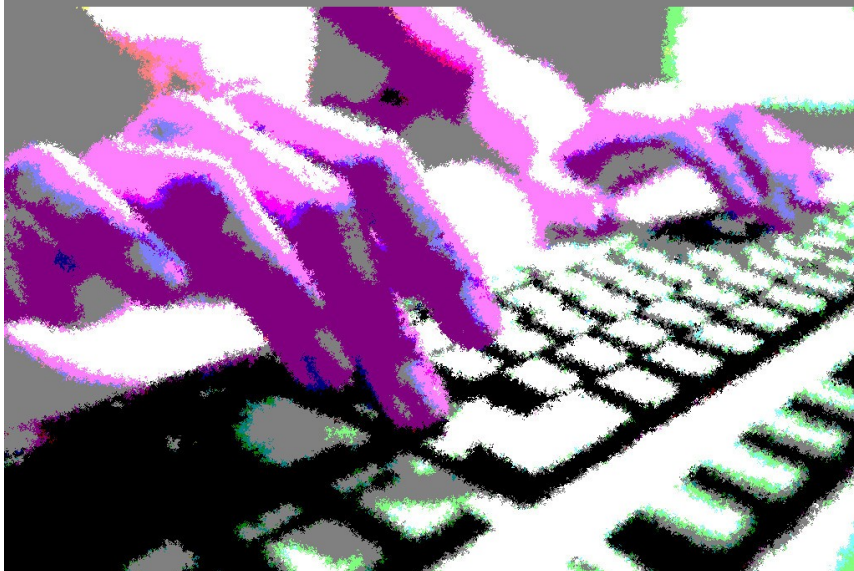
LIBERTAÇÃO ANIMAL

domingo (24/11) - 15h

Infiltrada, Martim Afonso 432

TRAGA UM LANCHE VEGANO

Oficina Básica de Programação



Domingo

21/07

14 h

Infiltrada

r. martim afonso 432,
são francisco - curitiba

 infiltrada.milharal.org

(nenhum conhecimento prévio é necessário para participar!)

Feira do Material Independente

15 & 16
fev/ 2014

Venha
participar!
Para propor
atividades ou
mais
informações
acesse:
infiltrada.milharal.org

bAZar
expOsições
oFicinas
comIda vegana
Musica

Espaço Infiltrada - Martim Afonso, 432.
Curitiba/PR.

Jornada de Autonomia e Autodefesa

domingo
9 de junho

Feminista



* Oficina de wendo (autodefesa feminista)

* Contenção e Ajuda Mutua: falemos em

la pessoa (autocuidado e politico)

* Gestao de violencias nas nossas comunidades: abuso de confiança, consentimento e construir espacos seguros na cotidianidade

ONDE:

INFILTRADA - MARTIM AFONSO, 432



Ateliê de costura :)

